

Comunicação Midiática

Revista Comunicação Midiática
ISSN: 2236-8000
v. 13, n. 2, p. 53-69, maio/ago. 2018

A lágrima clara sobre a pele escura: a violência urbana nas páginas do jornais O Globo e Extra

La lágrima clara sobre la piel oscura: la violencia urbana en las páginas de los periódicos O Globo y Extra

The light tear on the dark skin: urban violence on the pages of the newspapers O Globo and Extra

Ivanise Hilbig Andrade

Jornalista, Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA) e Mestre em Estudos de Linguagens (UFMS). Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integrante do CEPAD/UFBA (Centro de Estudos e Pesquisas em Análise de Discurso). ivaniseha@gmail.com

Vinicius Souza

Jornalista, fotógrafo e documentarista. Doutor em Comunicação (UNIP/SP). Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. vgpsouza@uol.com.br

RESUMO

Este trabalho objetivou analisar a construção discursiva da violência urbana envolvendo crianças e adolescentes, operada por dois jornais brasileiros integrantes de um mesmo grupo de comunicação. O corpus é constituído de matérias jornalísticas sobre crimes ocorridos nos espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro e que foram publicadas entre os anos de 2000 e 2015 nos jornais *O Globo* e *Extra*, ambos do Grupo Globo. Durante a análise, buscou-se sistematizar as regularidades enunciativas das duas publicações e, em seguida, verificar como constroem discursivamente a violência urbana, com especial atenção para as imagens, pelo seu alto grau de agenciamento de sentidos de emoção. O trabalho tem como referenciais teórico-metodológicos os trabalhos de Eliseo Verón (2004), Maurice Mouillaud (2012), Susan Sontag (2003) e Vilém Flusser (2008; 2009).

Palavras-chave: Jornalismo Impresso, Fotojornalismo, Violência Urbana, *O Globo*, *Extra*.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar la construcción discursiva de la violencia urbana involucrando niños y adolescentes en las páginas de dos diarios brasileños que pertenecen al mismo grupo de comunicación. El corpus se compone de materiales periodísticos sobre crímenes cometidos en los espacios públicos urbanos del Río de Janeiro, que fueron publicados entre los años 2000 y 2015 en los diarios *O Globo* y *Extra*, ambos pertenecientes al Grupo Globo. En el análisis, los autores han tratado de sistematizar las regularidades enunciativas de las dos publicaciones para observar cómo se construye el discurso sobre la violencia urbana, con especial atención a las imágenes, por su alto grado de apelación a la emotividad. El artículo tiene como referencias teóricas y metodológicas los trabajos de Eliseo Verón (2004), Maurice Mouillaud (2012), Susan Sontag (2003) y Vilém Flusser (2008; 2009).

Palabras clave: Periodismo Impreso, Fotoperiodismo, Violencia Urbana, *O Globo*, *Extra*.

ABSTRACT

This study aims to analyze the discursive construction of urban violence involving children and adolescents in two Brazilian newspapers belonging to the same communication conglomerate. Its corpus is consisted of articles about crimes committed in urban public spaces of Rio de Janeiro, published between 2000 and 2015 in newspapers *O Globo* and *Extra*, both belonging to the Globo Group. Throughout the analysis, the authors sought to systematize the enunciative regularities of both publications and then verify how the discourse on urban violence is constructed, with special attention to the images, as they convey emotive senses to a high degree. The study's theoretical and methodological framework includes the works by Eliseo Verón (2004), Maurice Mouillaud (2012), Susan Sontag (2003) and Vilém Flusser (2008; 2009).

Keywords: Print Journalism, Photojournalism, Urban Violence, *O Globo*, *Extra*.

Introdução

Eduardo de Jesus Ferreira, de 10 anos, foi baleado na porta de casa, no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, em 2 de abril de 2015. A tragédia das balas perdidas, como é nomeado esse tipo de acontecimento pelos meios de comunicação, fez mais uma vítima fatal. Entre 2007 e 2015, pelo menos 17 crianças foram mortas durante conflitos entre policiais e traficantes em comunidades cariocas, segundo levantamento não oficial da Organização Rio de Paz. Em matéria da revista Exame, o Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro (ISP-RJ) afirma que, de 2008 a 2013, 829 pessoas foram atingidas por balas perdidas em todo o estado; 62 morreram.

Os números evidenciam, na avaliação do fundador da Rio de Paz, Antônio Carlos Costa, a forma de trabalhar da polícia carioca:

Eles atiram primeiro para depois procurar saber quem é a vítima. E vivem sob terror psicológico. São enviados para áreas de altíssima complexidade, com histórico recente de companheiros mortos em serviço. Então, muitas dessas balas perdidas representam o exercício da profissão sob essa cultura psicológica, que faz com que eles tenham medo da própria sombra (Desidério, 2015, p. 1).

O pesquisador critica o que ele chama de “operações desastradas” da polícia, informando que as ações acontecem “à luz do dia, com criança indo para a escola” e com o uso de armas de guerra.

Esse breve panorama revela uma violência complexa e estrutural, um problema público profundo de grandes cidades brasileiras. Os ferimentos e mortes por balas perdidas são apenas um exemplo dos inúmeros tipos de crimes e atos violentos que acontecem no espaço urbano. No Rio de Janeiro, eles crescem em amplitude e proporção devido a fatores históricos, sociais e econômicos que configuram algumas das “condições de produção” (Verón, 2004) do discurso da violência envolvendo crianças e adolescentes.

De acordo com Leticia Matheus (2011), o medo molda o cotidiano das grandes cidades, fisicamente e simbolicamente, isto é, desde a arquitetura até o comportamento dos habitantes. Segundo a autora, diferentes tipos de temores e de experiências, aliados ao trabalho de produção de sentido operado pelos meios de comunicação, configuram distintos lugares imaginários, compondo, por sua vez, um “mapa midiático do medo”. Assim, a construção midiática da violência que ocorre nos espaços públicos da cidade envolvendo crianças e adolescentes, sejam como vítimas ou agentes, tem relação direta com uma memória espacial da criminalidade e com uma forma de pensar os espaços públicos e privados.

Para o antropólogo Roberto DaMatta (1997), a cultura brasileira criou duas categorias para explicar seus espaços de socialização: a “casa” e a “rua”. Segundo ele, a casa e a rua não designam apenas espaços geográficos, mas “entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas” (DaMatta, 1997, p. 15). Conforme o autor, a rua constitui tudo que é externo ao espaço da intimidade da casa, onde os indivíduos são “anônimos e desgarrados”, quase sempre “maltratados pelas chamadas autoridades” e onde “não temos paz, nem voz”.

Ainda citando DaMatta (1997, p. 20), “Somos rigorosamente ‘subcidadãos’ e não será exagerado observar que, por causa disso, nosso comportamento na rua (e nas coisas públicas que ela necessariamente encerra) é igualmente negativo”.

Dessa maneira, a construção discursiva da violência urbana está relacionada a sentidos produzidos e estabilizados socialmente não apenas sobre os atos violentos que envolvem crianças e adolescentes, mas sobre o que se considera ser um lugar seguro ou inseguro, um espaço de proteção e cuidado, ou um espaço de liberdade e medo. Há, portanto, uma memória coletiva da violência que está diretamente ligada ao lugar em que ela acontece, ou seja, existe um processo de “espacialização do medo” (Matheus, 2011), produzido sobretudo pelos meios de comunicação.

Para Susan Sontag (2003, p. 73), mais que uma memória coletiva, os meios de comunicação produzem uma instrução coletiva. O que normalmente se chama de memória coletiva, segundo ela, não é uma rememoração, mas algo estipulado: “isto é importante, e esta é a história como aconteceu, como as fotos que aprisionam a história em nossa mente”. Sontag, de fato, vai além, resvalando na Teoria do Agendamento ou *Agenda-Setting*, desenvolvida na década de 1970 pelos pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw, para quem o discurso dos *media* vai orientar o discurso dentro da sociedade.

A atenção pública é guiada pelas atenções da mídia – ou seja, de forma mais categórica, pelas imagens. Quando há fotos, uma guerra se torna ‘real’. Assim, o protesto contra a Guerra do Vietnã foi mobilizado por imagens. [...]. Esses exemplos ilustram a influência determinante das fotos para definir a que catástrofes e crises nós prestamos atenção, com o que nos importamos e, por fim, que juízos estão associados a esses conflitos (Sontag, 2003, p. 87).

De acordo com a reflexão de Sontag, ao construir acontecimentos, os *media* produzem e compartilham, assim, mais que rememorações, mas uma instrução coletiva de um entendimento comum de como a história aconteceu. Ou seja, operam a moldura e o enquadramento do acontecimento, informando o que é importante saber sobre ele (Mouillaud, 2012). Significa afirmar que, embora a morte de uma criança provoque indignação e revolta, o assassinato de uma criança de classe média pelos pais evoca sentidos de perplexidade, enquanto que a morte de uma criança por bala perdida, dentro de uma comunidade pobre, remete a sentidos de fatalidade.

Diante do exposto, este artigo analisa a construção discursiva da violência urbana¹ envolvendo crianças e adolescentes, operada pelos jornais *O Globo* e *Extra* entre os anos de 2000 e 2015. O *corpus* é composto por matérias jornalísticas que noticiam crimes ocorridos nos espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro (ruas, comunidades ou mesmo “zonas de guerra”), tais como agressões, brigas, homicídios, roubos, mortes por balas perdidas, chacinas, massacres. E foi constituído, primeiro, por meio do método de amostragem da semana construída, em que uma semana fictícia foi criada para cada ano do universo analisado e os jornais desses dias “clipados” para seleção das matérias sobre a temática da violência envolvendo crianças e adolescentes. Dessa amostragem, foram selecionadas apenas as reportagens que consideramos mais significantes e significativas, destacando, ainda, as que traziam imagens.

Caminhos teórico-metodológicos

O jornal impresso figura neste trabalho como um dispositivo tecno-semiótico de comunicação (Meunier, 1999; Verón, 2013) e matriz de sentido (Mouillaud, 2012), submetido a reconfigurações em função do atual processo de midiaticização. Sendo assim, o mapa analítico serviu de percurso para compreender como o jornal constrói sentidos, utilizando-se, para isso, de aparatos teórico-metodológicos da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, e das Teorias da Enunciação. O estudo do processo de produção do jornalismo, por essa perspectiva, articula análises acerca dos modos de enunciação e das condições de produção do discurso. Uma análise semio-discursiva, portanto, parte do pressuposto de que todo jornal utiliza estratégias que se adaptam ao contexto de produção, bem como ao seu leitor.

Buscou-se sistematizar, de início, as regularidades enunciativas das duas publicações que fazem parte do maior conglomerado de mídia da América Latina – o Grupo Globo – e, em seguida, analisar como constroem discursivamente a violência urbana a partir da observação das diversas “matérias significantes” (Verón, 2004) que compõem o jornal impresso, como: capa, títulos, textos, fotografias, legendas, infográficos, e cores². Segue-se por uma proposta teórico-metodológica de análise semio-discursiva de Eliseo Verón (1987, 2003, 2014), com recorrência ao pensamento de Vilém Flusser (2008, 2009).

Para este trabalho, uma atenção especial foi conferida às fotografias, por entendermos que, quando se trata de um tema com grande potencial de agenciamento de sentidos, como é a violência envolvendo crianças e adolescentes, as imagens têm papel decisivo na construção do discurso da emoção associado à violência. As imagens, segundo Vilém Flusser (2008, 2009), fazem parte do raciocínio mágico-imagético-circular, mais calcado em emoções, contrapondo-se ao modo de pensamento tempo-histórico-linear, que se baseia em textos e, portanto, em uma sequência lógica de causa-efeito, de passado-presente-futuro, enfim, na razão. Para Flusser, a forma de pensamento baseada não em textos, mas em imagens, predominante por muito mais tempo na humanidade, é de outra ordem:

Ao circular pela superfície, o olhar tende a voltar sempre para os elementos preferenciais. Tais elementos passam a ser centrais, portadores preferenciais do significado. Deste modo, o olhar vai estabelecendo relações significativas. O tempo que circula e estabelece relações significativas é muito específico: o tempo da magia. Tempo diferente do linear, o qual estabelece relações causais entre os eventos. No tempo linear, o nascer do sol é a causa do canto do galo; no circular, o canto do galo dá significado ao nascer do sol, e este dá significado ao canto do galo. [...]. O significado das imagens é o contexto mágico das relações reversíveis. O caráter mágico das imagens é essencial para a compreensão das suas mensagens (Flusser, 2009, p. 8).

Assim, se o pensamento tempo-histórico-linear, inaugurado com a criação da escrita, não dominou de todo a sociedade nos últimos 3 mil anos, quando seu poder se torna maior com o surgimento das religiões monoteístas baseadas em textos sagrados, sua força hegemônica, em especial por meio dessas religiões e mais recentemente das ideologias ditas científicas (incluindo as econômicas), é inegável, especialmente nas sociedades ocidentais.

O mapa analítico percorrido possibilitou compreender o funcionamento discursivo acerca da violência pelos jornais em estudo, a partir da análise das estratégias discursivas

utilizadas no ato de enunciação. A perspectiva adotada tomou a enunciação, no âmbito da análise de discursos, como uma descrição de operações processuais. Em termos de operadores da AD, foram observados os dêiticos, o vocabulário, as figuras e vozes discursivas, além das imagens.

A violência urbana no discurso de O Globo e Extra

Os jornais *O Globo* e *Extra* fazem parte do Grupo Globo e circulam no Rio de Janeiro e em sua região metropolitana. São jornais complementares no interior do conglomerado de mídia, porém com características discursivas distintas. *O Globo*, um jornal considerado de referência, voltado para as classes A e B; e o *Extra*, um jornal popular, focado em um público leitor das classes B, C e D.

A análise da produção de sentido da violência envolvendo crianças e adolescentes em ambas as publicações possibilitou verificar que *O Globo* constrói a violência urbana sofrida não apenas no Rio de Janeiro, como em todo o Brasil, de maneira generalista. O jornal recorre a elementos do saber referencial e especializado, mais próximo do perfil de seus leitores, para discutir o assunto, apresentando e analisando estatísticas e pesquisas. A problemática é construída, então, como algo que irrompe no espaço público, provocando mudanças na estrutura e no funcionamento da própria cidade, como, por exemplo, o toque de recolher que obriga o fechamento de escolas da Rocinha e de bairros vizinhos, gerando pânico e apreensão em pais e crianças: “A violência provoca a discussão de valores. Está insuportável” (Toque, 2006), afirma o especialista convocado pelo *O Globo*. Esse discurso, mais tarde, servirá também para justificar a intervenção federal na área de segurança, em 2018.

A violência urbana reflete, segundo o discurso engendrado pelo jornal, a ineficiência do poder público sobre questões de segurança e um tipo de fatalidade ou destino a que estão submetidas crianças e adolescentes pobres, moradores de áreas de risco, tão distantes do dia a dia da classe média, que constitui o público principal da publicação. Brigas, agressões, tráfico de drogas e homicídios cometidos no espaço público da rua são, com frequência, nomeados pelo jornal como uma “tragédia anunciada” ou uma “guerra anunciada”. O enunciativo se posiciona, pois, como o detentor de um saber especializado e como um vigia da sociedade, capaz de fazer previsões sobre atos violentos esperados em determinadas regiões da cidade, historicamente identificadas como perigosas.

Nesses dois modos de construir a violência (cobrança do poder público e relato da tragédia anunciada), o enunciativo recorre a estratégias discursivas que enfocam a violência de maneira mais geral, produzindo uma enunciação ancorada nos números de vítimas ou de afetados pela situação, em infográficos com a geolocalização dos crimes ou na evolução dos casos ao longo dos anos. Justifica, assim, seu posicionamento discursivo de ser aquele que, tendo feito análises e previsões, pode afirmar que esse ou aquele tipo de violência estava “anunciado”.

No entanto, se a violência sai das comunidades (dos morros) e chega ao asfalto, vitimando crianças e adolescentes das famílias das classes média e rica da cidade (as “nossas crianças”), a construção discursiva do *O Globo* muda. A enunciação tende ao relato dramático, recorrendo a elementos com efeito de sentido de revolta e sofrimento, e que apelam às histórias individuais, como na matéria intitulada “Vidas interrompidas com crueldade – Vítima de preconceito, adolescente teve rosto deformado e morreu asfixiado” (17/10/2010). Nela, *O Globo* constrói a história opondo, de um lado, os sonhos do garoto (o maior deles era ser

engenheiro civil), seus passatempos (Orkut e encontro com amigos na praça do bairro) e gostos pela leitura (estava lendo *A menina que roubava livros*), com a tortura narrada pela mãe, do outro: “Ele foi espancado, teve o rosto deformado e morreu asfixiado. Não deram chance de defesa, foram covardes. Dói pensar no que meu filho sofreu”. A vítima saía de um churrasco com amigos quando foi atacado.

Nesse exemplo, é possível perceber que o jornal, a depender do tipo de violência e/ou do perfil da vítima, também faz uso da emoção, construindo narrativas que apelam ao drama e ao medo, como verificado por Letícia Matheus (2011). O discurso da emoção sustenta-se em números, infográficos e estatísticas, gerando efeito de sentido de uma cobertura racional e com certa distância, mas ainda assim com sentimento. Opera tal produção discursiva, entre outras, utilizando o relato de histórias de vida com foco na perda vivida pela família ou mesmo repercutindo e colocando um acontecimento em debate através da fala do especialista.

Já o *Extra* constrói discursivamente a violência que atinge crianças e adolescentes no espaço público da cidade – principalmente nas comunidades pobres e periféricas da capital do Rio de Janeiro – como cotidiana e rotineira, em consonância com as expectativas de leitura presumidas sobre seu público.

Sendo noticiada como ordinária, é um tipo de violência que provoca impactos no dia a dia das pessoas, como o fechamento de ruas, comércio e escolas. Ela reconfigura a cidade, reformula hábitos, causa medo e incertezas. A escola que fecha, a mando dos traficantes ou por precaução da direção, mostra o “poder” do tráfico, segundo o enunciador *Extra*. Mas que, por ser tão frequente, não impede que os moradores continuem levando suas vidas com certa normalidade. Por conta dessa naturalidade em relação à violência experienciada é que o “tiroteio entre policiais e bandidos” atinge o casal de adolescentes que namorava na frente de casa com um “disparo de fuzil”. Esse mesmo conflito fere uma menina de 10 anos que estava no local “colando figurinhas em um álbum”. É a avó quem segura o retrato da menina sorridente, interpelando diretamente o leitor com sua dor.

A construção discursiva da violência urbana pelo *Extra* engendra sentidos de revolta, raiva e sofrimento. O jornal popular se concentra em descrever, com detalhes de crueldade e frieza, as cenas do crime – como no caso da morte violenta de uma família expulsa do seu barraco por traficantes – em repercutir, com ironia, a prisão de policiais investigados por suspeita de execução, e em narrar a despedida de familiares e das vítimas nos sepultamentos.

Tais sentidos de revolta e raiva são produzidos, entre outros, nas narrativas ocorridas em velórios, sepultamentos e protestos, elaborando, com isso, “ritos de dor” (Matheus, 2011, p. 50). Por vezes, os enterros são tumultuados e os “parentes das vítimas” invadem a capela onde funcionários “ornamentavam os caixões com pétalas de flores”. Nos títulos, textos e olhos da página, destaque para os depoimentos em discurso direto de familiares, como nos trechos a seguir: “Não se pode entrar numa comunidade e sair matando um monte de criança inocente”, diz a carta escrita pela avó de uma das vítimas; “Policiais tiram a vida de crianças e ninguém é punido. Quando é que isso vai acabar?”, grita o pai, “Welinton era meu melhor aluno de percussão”, lamenta o professor.

As mortes por bala perdida, pelo seu potencial de agenciamento de sentidos de tristeza e sofrimento, estão entre as que ganham mais destaque na cobertura da violência urbana realizada pelo *Extra*. A “bala perdida” é construída como um inimigo oculto, um algoz sem face que surpreende e irrompe bruscamente no cotidiano das pessoas. Embora o enunciador

atribua esses homicídios à guerra do tráfico, sugerindo que os tiros sejam frutos de conflitos entre policiais e traficantes, raramente fica evidente a autoria dos disparos. Eventualmente, quando se trata de uma morte que gera mais comoção ou revolta dos moradores, o jornal repercute o caso com as autoridades de segurança pública, que garantem a apuração, quase nunca realizada, do fato.

As mortes por bala perdida ganham mais visibilidade nas páginas do *Extra* a partir de 2007. É quando a política de segurança pública no Rio de Janeiro muda e as comunidades começam a ser ocupadas pela chamada Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) e pelo Exército. É também quando o assunto passa a ser agendado pelos movimentos sociais, conforme apontado anteriormente, a propósito do levantamento realizado pela organização Rio de Paz, constituindo, assim, as condições de produção para esse discurso em específico.

Isso não quer dizer, no entanto, que não houvesse homicídios frequentes nas comunidades cariocas, mas que a violência urbana que vitima fatalmente crianças e adolescentes começa a ser construída discursivamente pelo *Extra* como um problema público. Casos isolados continuam a alimentar as páginas do jornal, mas paralelamente surgem reportagens mais abrangentes, como a série *Anjos*, de 2007, ou a ampla cobertura da morte de um menino de 11 anos, atingido por uma bala perdida dentro da escola onde estudava, em 2010.

A reportagem que inaugura a referida série, intitulada “Inocência interrompida pela violência” (Gusmão; Martins, 2007), mostra que, a cada três mortes de crianças de até 12 anos, uma aconteceu de forma violenta. Em 2007, 38% dos casos foram registrados na Zona Oeste, como o da menina Maria Fernanda, de 2 anos, que levou dois tiros quando passeava de bicicleta com o padrasto, na Vila Vintém. Quem se lamenta, chorando, é a avó: “A gente cuida, lapida e vem uma pessoa e tira a vida de quem mais amamos”.

A estratégia de construção discursiva tensionada pelos dois polos – de um lado, “quem vai” (a criança assassinada) e, de outro, “quem fica” (pais, mães e familiares que sofrem a perda) – mostrou-se recorrente no *Extra* durante o período analisado, evidenciado por um léxico da partida: “despedida”, “dizer adeus”, “volta, não vai”, “fica”, e reforçado pelas fotografias do velório, que são, conforme algumas legendas, o “retrato do desespero”.

A violência urbana engendrada pelo *Extra* produz, portanto, efeitos de sentido do desproposital, do que é desmedido e inaceitável, porém cotidiano. Ao mesmo tempo, evidencia um discurso estigmatizante e preconceituoso quando acentua sua cobertura nos relatos individuais e dramáticos de mortes por balas perdidas nas comunidades de baixa renda do Rio de Janeiro.

As imagens da violência e a construção do discurso da emoção

Como dito anteriormente, as imagens são um fator fundamental na construção dos discursos midiáticos, por utilizarem toda a carga emocional garantida pelo que Flusser (2009) chama de pensamento mágico-imagético-circular. Um exemplo é a foto de 2007 feita por Marcos Tristão, do jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, retratando o momento em que Edna Ezequiel (“quem fica”) recebe a notícia, no hospital do Andaraí, da morte de sua filha, Alana (“quem vai”), vitimada por uma bala perdida numa troca de tiros entre policiais militares e traficantes na favela do Morro dos Macacos, no bairro de Santa Isabel (Figura 1).

Além de veiculada cortada no *Extra*, a fotografia sem corte foi capa da edição do *O Globo* de 6 de março de 2007, escolhida pelos colegas como a melhor foto do mês e, novamente, como melhor foto do ano no jornal. A história de Edna foi repercutida em vários

veículos das Organizações *Globo*, entre eles o *Extra*, e incluindo, na época, um pequeno editorial de um minuto na TV aberta, narrado pelo mais antigo apresentador da casa, Cid Moreira, e também outro minuto no principal telejornal da emissora, o *Jornal Nacional*, de 5 de março daquele ano. Somente no *O Globo* ela foi publicada três vezes: na capa, num editorial contra a violência no dia seguinte e em uma outra matéria que chamava a dor de Edna de “inesquecível”. E segue sendo reproduzida, como na galeria virtual (sem data) de onde foi tirado o arquivo publicado abaixo e onde descobrimos que “depois da morte de Alana, Edna teve mais duas filhas e mudou-se para outra casa no Morro dos Macacos”.



Figura 1: Edna Ezequiel recebe a notícia, no hospital do Andaraí, da morte de sua filha, Alana, vitimada numa troca de tiros entre policiais militares e traficantes em favela zona norte da cidade. (Foto de Marcos Tristão, jornal *O Globo*, 5 de março de 2007, Rio de Janeiro. Fonte: *O Globo*. Disponível em: <https://glo.bo/2IuzAG1>. Acesso em: 26 dez. 2015.)

Segundo informou (via e-mail aos pesquisadores) o fotógrafo – com mais de duas décadas de experiência com cobertura policial no Rio – a foto recebeu o 4º prêmio de Fotojornalismo da Caixa Econômica Federal naquele ano, e Carlos Ayres Brito, ministro do Supremo Tribunal Federal entre 2003 e 2012, pediu pessoalmente uma cópia da imagem para o seu gabinete. Tristão diz que ela é muito lembrada como um “um ícone de ‘dor de todas as dores’ que é a dor de mãe” e é usada sempre, com sua autorização, pela ONG Rio de Paz. No filme “*Abaixando A Máquina – Dor e ética no fotojornalismo carioca*”, de Guillermo Panel, o fotógrafo conta como fez o retrato:

Ela estava sentada nessa praça e eu comecei a fazer várias fotos. Aí eu percebi que ela levou a mão à cabeça, pra segurar a cabeça, e isso me arrepiou, porque eu venho fazendo muitas mães nessa situação de perder os filhos para a violência. E naquele momento me bateu: ela é a mãe, é a mãe brasileira! [...]. É uma imagem forte, porque ali tem muita informação. Tem um Brasil, tem uma bandeira do Brasil de cabeça pra baixo na pulseira dela. Tem a lágrima, uma lagrima grossa, do choro e tudo mais. É uma resposta, também, eu acho que essa é a função do repórter nesse caso, um elo entre a pessoa que você está fotografando e os nossos governantes. Você é que vai levar essa informação até ele (Abaixando..., 2007, 40:20 min a 42:42 min).

Contudo, a imagem e a história de Edna e Alana não foram alvos sequer da retrospectiva de final de ano do jornal (Retrospectiva, 2007), nove meses depois (Figura 2). O motivo talvez seja que, diferente da filha de Edna, um mês antes outra criança havia sido vítima de um crime brutal, evidenciando a separação analisada por Sontag (2003) e Zelizer (2010) entre “os nossos mortos” e os “mortos deles”. João Hélio, de 6 anos, era branco, filho de uma família classe média, morto não por uma bala perdida que pode ter saído do fuzil de um soldado, mas por criminosos que roubaram o carro da mãe e não perceberam que ele ficou preso no cinto de segurança (Menino, 2007). A criança foi arrastada por sete quilômetros pelas ruas de um subúrbio carioca antes de ser solta. A notícia foi capa, sem – obviamente – imagens chocantes, dos principais jornais do dia seguinte, incluindo *O Globo* (Figura 3)³.

The screenshot shows the G1 website interface. At the top, there's a navigation bar with 'notícias', 'esportes', 'entretenimento', and 'vídeos'. The main content area features a large red 'G1' logo and the title 'Retrospectiva 2007: Brasil'. Below the title, there's a sub-header 'Ano foi marcado por mais um grave acidente aéreo, desta vez na cidade de São Paulo.' followed by a paragraph about the death of João Hélio. To the right, there's a section titled 'MORTE DE JOÃO HÉLIO' with a video player and a text description. A sidebar on the left lists various news categories like 'editórias', 'Cinema', 'Política', etc. On the right, there's a 'Fevereiro' section with a list of news items for that month.

Figura 2: Montagem com notícias da Retrospectiva de 2007 no site do portal G1, das Organizações Globo (Fonte: *G1 – Portal de notícias da Globo*. Disponível em <https://glo.bo/2IrzLC2>. Acessado em 6 jun. 2018)



Figura 3: Capa do jornal *O Globo*, de 9 de fevereiro de 2007 (Fonte: *O Globo*. Disponível em <https://glo.bo/2XfaUVD> Acessado em 2 jun. 2018)

No final daquele ano, na retrospectiva das matérias mais importantes (Retrospectiva, 2007), João Hélio ganhou destaque na linha fina, em boxe com a história e vídeo do *Globo/G1* ao lado da queda de um avião em São Paulo. Nenhuma menção à Edna ou Alana. Os criminosos, todos negros, três jovens com mais de 18 anos e um adolescente de 16 anos foram identificados e presos com agilidade incomum para a polícia brasileira. Era preciso “dar uma resposta à opinião pública”. Anos depois, o adolescente, então com 21 anos, seria novamente detido por outro crime (Mendonça, 2012). O discurso midiático do adolescente infrator como força motriz maior da violência estava consolidado.

Mas a dor de Edna voltaria, em imagem muito semelhante (Figura 4), em 2015, agora pelas mãos do fotógrafo Guilherme Pinto, do jornal *Extra*. Afinal, como ressalta Sontag (2003, p. 72), ao comparar as imagens de bósnios prisioneiros de sérvios, em 1992, com as dos campos de extermínio nazistas, em 1945, “fotos ecoam fotos”. Na madrugada entre sábado, 28, e domingo, 29 de novembro de 2015, um veículo simples, com cinco adolescentes negros dentro, transitava pela periferia carioca nas proximidades do Morro da Lagartixa, em Costa Barros, quando foi perseguido, parado e metralhado por quatro integrantes do 41º Batalhão Policial Militar do Irajá. O carro foi alvo de 111 tiros e não houve qualquer reação ou possibilidade de defesa das vítimas.

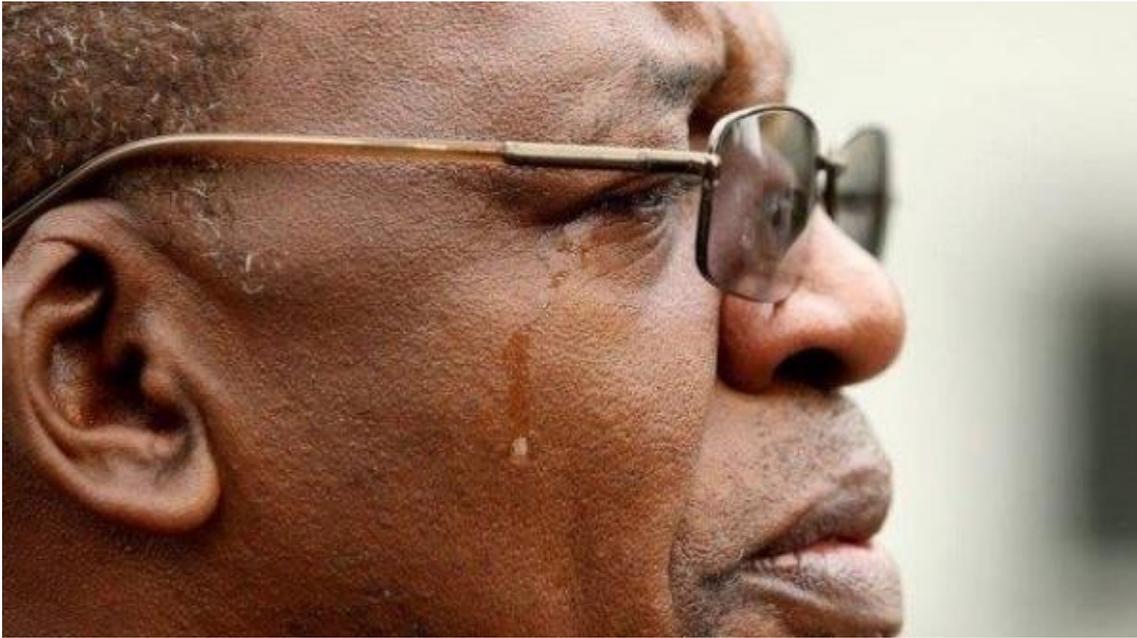


Figura 4: Jorge Roberto da Penha, pai do jovem Roberto, de 16 anos, um dos cinco mortos por policiais militares (PMs) no Rio de Janeiro em 29 de novembro de 2015 (Foto de Guilherme Pinto, *Extra*, de 30 de novembro de 2015. Fonte: *Extra*. Disponível em: <https://glo.bo/1Qr1kTo> Acesso em: 6 jun. 2018)

Nos dias seguintes, o *Extra* trazia as primeiras informações mais consolidadas sobre o caso e a repercussão corria em paralelo na mídia e na comunidade. As imagens do pai de um dos rapazes chorando foram as primeiras a ter maior impacto na grande imprensa e também nas redes sociais. Isso porque uma matéria (Prestes, 2015) (na versão digital sem crédito do repórter) de 2 de dezembro mostrava bem o contexto das famílias que perderam seus entes queridos (novamente, “quem vai” e “quem fica”). Jorge Roberto da Penha, por exemplo, o pai de Roberto, 16 anos, depois de 13 anos se dividindo entre a profissão de soldador, os cuidados com o filho e os estudos, estava prestes a se formar em Direito. Um trabalhador, “gente de bem”, portanto, assim como as vítimas fatais. O grupo, composto pelos amigos Carlos Eduardo da Silva de Souza, também de 16 anos, Cleiton Corrêa de Souza, de 18, Wilton Esteves Domingos Júnior, de 20, e Wesley Castro Rodrigues, de 25, comemorava o primeiro salário, de R\$ 400,00 de Roberto como “jovem aprendiz”, após iniciar um curso técnico de assistente administrativo. Nenhum dos outros rapazes tinha qualquer envolvimento com o crime, além da cor da pele e da vizinhança periférica.

Segundo a reportagem, foi Penha quem impediu a polícia de forjar a cena de conflito armado. Ele teria chegado menos de dez minutos depois dos tiros, já que mora bem próximo ao local, e usou seus conhecimentos em Direito para constranger os policiais que, naquele momento, abriam o porta-malas do carro. Com a chegada de outros policiais ao local e o testemunho firme de quem viu a ação, os PMs Thiago Resende Viana Barbosa, Marcio Darcy Alves dos Santos, Antônio Carlos Gonçalves Filho e Fabio Pizza Oliveira da Silva, todos lotados no 41º Batalhão da Polícia Militar-Irajá, foram detidos em flagrante por homicídio qualificado e fraude processual. O comandante do batalhão, tenente-coronel Marcos Neto, foi exonerado, devido à repercussão do caso, apenas três dias depois dos assassinatos.

Fotógrafo não faz demagogia. Fotógrafo faz fotografia. Quando um jornal publica fotografias de grande impacto, o jornal está dando prosseguimento a um ato de coragem, a um ato de uma visualização social muito acurada, muito bem dirigida que é essa visão do fotógrafo da geração de fotógrafos que trabalham hoje nos jornais e nas revistas brasileiras (Abaixando..., 2007, 5:10min a 5:40 min).

Além das imagens das lágrimas de Penha, formando uma ligação imediata com a foto de Edna, rapidamente começaram a circular pelas redes sociais as fotos do carro metralhado em pelo menos três versões diferentes: a foto original de Roberto Moreyra, também do *Extra*; uma versão da mesma imagem em formato de *meme* “brincando” com as marcas de bala dentro do símbolo olímpico de cinco anéis entrelaçados (como os cinco amigos), lembrando que o Rio de Janeiro seria palco dos Jogos Olímpicos de 2016; e uma versão mais forte, que não teve o autor divulgado e mostra os cadáveres baleados ainda dentro do veículo (Figura 5).



Figura 5: Foto de autoria desconhecida mostra os jovens mortos dentro do veículo cercado por moradores da região. Sem chance de defesa (Fonte: Desconhecida. Disponível em <https://www.facebook.com/vinicius.souza.9231>. (Acesso em: 1 dez. 2015)

Essa última é um claro exemplo de uma foto amadora, crua, sem os cuidados com “os nossos mortos” de que Sontag (2003) e Zelizer (2010) falam. O fato de não ter sido censurada pelos sistemas do Facebook, entretanto, mostra sua força de denúncia e apropriação por uma parcela da sociedade. As fotos analisadas neste artigo poderiam facilmente ser publicadas em qualquer jornal, com exceção da imagem que mostra os cadáveres, devido à sua violência visual, apesar de nem isso ser impossível (se nos dias seguintes ao massacre se descobrisse que os rapazes tinham algum envolvimento com qualquer tipo de crime, especialmente o tráfico de drogas, talvez os jornais não tivessem tanto pudor com o seu sangue

derramado). A foto da Figura 4 (Penha) tem ainda a vantagem de ecoar a foto da Figura 1 (Edna), uma âncora referencial no imaginário carioca e brasileiro, inclusive cantada por dois de nossos maiores artistas⁴, como é possível ver no título desse artigo. Além do apelo emocional do discurso contido no pensamento mágico-imagético-circular, há ainda outro motivo para sua inclusão nos jornais citados: essas imagens podem eventualmente fazer parte do “programa” do “aparelho” mídia no sentido flusseriano da palavra.

O fotógrafo fotografa em função de um jornal determinado, porque esse lhe permite alcançar centenas de milhares de receptores e porque o paga. O fotógrafo crê estar utilizando o jornal como *medium*, enquanto o jornal crê estar utilizando o fotógrafo em função de seu programa. Do ponto de vista do jornal, quando a fotografia recodifica os artigos lineares em imagens, ‘ilustrando-os’, está permitindo a programação mágica dos compradores de jornal em comportamento adequado. Ao fotografar, o fotógrafo sabe que sua fotografia será aceita pelo jornal somente se esta se enquadrar em seu programa. De maneira que vai procurar driblar tal censura, ao tentar contrabandear na fotografia elementos estéticos, políticos e epistemológicos não previstos no programa. Vai procurar submeter a intenção do jornal à sua. Este, por sua vez, embora possa descobrir tal tentativa astuciosa, pode vir a aceitar a fotografia com o propósito de enriquecer seu programa. Vai procurar recuperar a intenção subversiva. Pois bem, o que vale para os jornais, vale para os demais canais de distribuição de fotografias, uma vez que todos revelarão, sob análise crítica, a luta dramática entre a intenção do fotógrafo e a do aparelho distribuidor de fotografias (Flusser, 2009, p. 50-51).

Assim, fotografias e *layout* configuram, juntos, um conjunto de imagens que compõe, ao lado das palavras e depoimentos, o funcionamento discursivo dos jornais, o qual envolve a construção de um posicionamento baseado em critérios de noticiabilidade, linha editorial e “estratégias enunciativas”. No caso do *Extra*, como apresentado anteriormente, as imagens representam um dos principais elementos da página, diferente do *O Globo*, que mantém o texto (a linguagem verbal) como seu elemento principal de produção de sentidos. No jornal popular, as fotos de familiares aos prantos, as vítimas em poses angelicais, mortos no caixão ou as mães que seguram desoladas retratos dos filhos estão em praticamente toda a cobertura sobre violência que atinge crianças e adolescentes. Uma forma dos fotógrafos demarcarem, como ensina Flusser, sua intenção subversiva.

Considerações finais

Embora muitas vezes construídas pela imprensa como fatalidade, acaso ou mesmo destino (como uma “tragédia anunciada” na fala do *O Globo*), as mortes de crianças nas ruas, praças, festas, ou escolas descortinam uma violência estrutural. Casos como esses poderiam estimular debates sobre políticas de segurança pública, prevenção, redução de situações de vulnerabilidade social, valores morais, etc., mas esses nem sempre são realizados pelos jornais.

A cobertura factual do *Extra* e a protocolar do *O Globo* sobre a violência urbana envolvendo crianças e adolescentes constroem sentidos de sofrimento, revolta, medo e uma sensação de que ninguém mais está seguro. Pela forma como são articulados, tais efeitos de sentido podem naturalizar um cotidiano de violência ao quantificar e expor estatísticas sem

problematizar a questão ou evidenciar a dor e a comoção da perda sem relacionar o fato a uma conjuntura mais ampla. Segundo veredicto do próprio *O Globo*, com base em estudo realizado pelo Unicef, a “violência vai matar 36 mil adolescentes até 2016” e a maioria das vítimas será homem e negro (Otavio, 2012).

Apesar do alerta, qual a contribuição da publicação para o debate público sobre a violência envolvendo crianças e adolescentes? Não se trata de tecermos considerações sobre a qualidade do material produzido sobre a temática da infância pelos jornais brasileiros, mas cabe refletir até que ponto esses modos de construção discursiva da violência urbana não corroboram com um imaginário de fragilidade diante do ambiente urbano e em relação à alteridade, como aponta Matheus (2011). O medo engendrado nas páginas do *O Globo* é o medo das elites que experimentam a sensação de vulnerabilidade diante do perigo que o “outro” simboliza. No *Extra*, o medo é o de ser a próxima vítima ou, pior, da próxima vítima ser “o seu filho”. O que nos leva a pensar, respondendo ao questionamento lançado por Leticia Matheus em sua conclusão sobre o uso do sensacional pelo jornal *O Globo*, que os jornais tanto banalizam a violência (quando realizam coberturas factuais e protocolares) como sensacionalizam o cotidiano de criminalidade vivenciado pela população.

Recebido em: 31 out. 2017

Aceito em: 17 jul. 2018

¹ Violência urbana refere-se, neste trabalho, aos atos violentos cometidos/praticados nos espaços públicos da cidade. Opta-se por utilizar o termo “violência urbana” por suas características estruturais e contextuais e também pelo uso desta terminologia pela imprensa, que categoriza como violência urbana os casos de conflitos armados entre polícia e traficantes, mortes por bala perdida, roubos, agressões, etc.

² O discurso do jornal impresso faz parte de um texto que se constrói na articulação dos elementos, compondo um “conjunto significativo” (Verón, 2004). Tal perspectiva aponta para além da dicotomia “forma e conteúdo” na abordagem do jornal ao se analisar os efeitos de sentido que este produz, conduzindo a um entendimento que deixa de considerá-lo mero suporte, em sua característica puramente funcional, mas como matriz agenciadora de sentidos (Mouillaud, 2012) que articula sujeitos enunciativos, linguagens e práticas.

³ Veja matéria a respeito da repercussão na mídia em: <http://www.midiaeviolencia.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=52%3Amorte-do-menino-joao-helio&catid=21&Itemid=143>. Acessado em 23 dez. 2015.

⁴ “A lágrima clara sobre a pele escura” é um verso da canção “Desde que o samba é samba”, de Caetano Veloso e Gilberto Gil, lançado no álbum *Tropicália 2*, Polygram, 1993.

Referências

ABAIXANDO a máquina - Dor e ética no fotojornalismo carioca. Direção: Guillermo Planel e Renato de Paula. Rio de Janeiro: Núcleo da Imagem – Approach Comunicação 2007, 65 min. Disponível em: <https://bit.ly/2E5Zniq>. Acesso em: 23 dez. 2015.

ANDRADE, Ivanise Hilbig de. Construção de sentido no Jornalismo: operadores e estratégias de análise do discurso da imprensa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., Curitiba, 2017. **Anais** [...]. Curitiba: Universidade Positivo-UP, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2GFon3M>. Acesso em: 1 jun. 2018.

_____. **A construção discursiva da violência envolvendo crianças e adolescentes em jornais impressos brasileiros**: um estudo de caso dos jornais O Globo e Extra de 2000 a 2014. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DESIDÉRIO, Mariana. Por que crianças ainda morrem por bala perdida no Rio? **Exame**, São Paulo, 6 abr. 2015. Disponível em: <https://abr.ai/2U5Iz1S>. Acesso em: 21 nov. 2015.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. **Filosofia da Caixa Preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. 3. ed. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009.

GUSMÃO, Fábio; MARTINS, Marco Antônio. Como nascem os anjos: inocência interrompida pela violência. **Extra**, Rio de Janeiro, p. 6-7, 27 ago. 2007.

MATHEUS, Leticia Cantarela. **Narrativas do medo**: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

MENDONÇA, Alba Valéria. Condenado por morte de João Hélio é preso por outro crime, diz polícia. **G1**, Rio de Janeiro, 20 mar. 2012. Disponível em: <https://glo.bo/2T3rcBJ>. Acesso em: 6 jun. 2018.

MENINO morre ao ser arrastado por carro em assalto. **G1**, Rio de Janeiro, 7 fev. 2007. Disponível em: <https://glo.bo/1kKZTGN>. Acesso em: 6 jun. 2018.

MEUNIER, Jean-Pierre. Dispositif et theories de la communication: deux concepts en rapport de codétermination. **Dossier Hermès**, [Vandoeuvre-lès-Nancy], n. 25, p. 83-91, 1999.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.). **O Jornal**: da forma ao sentido. 3. ed. Brasília: UnB, 2012.

PRESTES a se formar em Direito, soldador lamenta morte do filho fuzilado por PMs: 'Não vai nem me ver usar beca'. **Extra**, Rio de Janeiro, 2 dez. 2015. Disponível em: <https://glo.bo/2BPGL5W>. Acesso em: 6 jun. 2018.

RETROSPECTIVA 2007: Brasil. **G1**, São Paulo, 23 dez. 2007. Disponível em: <https://glo.bo/2IrzLC2>. Acesso em: 6 jun. 2018.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SOUZA, Jorge Pedro. *News values* nas “fotos do ano” do World Press Photo: 1956-1996. Universidade Fernando Pessoa, Porto. Disponível em: <https://bit.ly/2GYcW6C>. Acesso em: 20 dez. 2015.

SOUZA, Vinicius. *Imagens Vencedoras*: fotojornalismo e os processos de produção de realidades e invisibilidades midiáticas. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2016.

TÉTU, Jean-François. L’émotion dans les médias: dispositifs, formes et figures. *Mots. Les langages du politique*, n. 75, p. 9-19, 2004. Disponível em <http://mots.revues.org/2843>. Acessado em 22 maio 2014.

TOQUE de recolher nas escolas – Cerca de dez mil alunos deixam de ir a aula por causa de violência na Rocinha. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 13, 13 abr. 2006.

VERÓN, Eliseo. *La semiosis social*: fragments d’une théorie de la discursivité. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 1987.

_____. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

_____. *La semiosis social, 2, ideas, momentos, interpretantes*. Barcelona: Paidós, 2014.

OTAVIO, Chico. Violência vai matar 36 mil adolescentes até 2016 – Estudo do Unicef mostra que a maioria das vítimas será homem e negro; situação é mais grave no Nordeste. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 11, 14 dez. 2012.

ZELIZER, Barbie. *About to Die* – How news images move the public. Oxford: Oxford University Press, 2010.